



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 23 - dezembro de 2019

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2019i23p88-103>

Figuras da mundivisão masculina em Clarice Lispector

Male figures in Clarice Lispector's Worldview

*António Ladeira**

RESUMO

Um dos aspectos mais trabalhados pela crítica na obra de Clarice Lispector diz respeito às representações da feminilidade e do gênero feminino. Por essa razão, os personagens femininos têm sido objeto de estudos frequentes. Neste trabalho proponho uma abordagem que, tanto quanto sei, ainda não foi feita: procuro estudar os personagens masculinos em alguns romances e contos, concentrando-me nas suas características recorrentes. A minha orientação teórica consiste numa subdivisão particular dos estudos do gênero: os 'estudos da masculinidade', uma área interdisciplinar que procura entender o homem como um ser definido em parte pelos códigos de gênero masculino (um ser *gendered*) e não um ser neutro ou símbolo e representante da humanidade inteira. Acredito que esse tipo de abordagem poderá lançar luz sobre aspectos menos visíveis não só da psicologia das personagens femininas, mas da dinâmica das relações entre o homem e a mulher, tão importantes em Clarice Lispector.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Estudos de gênero; Estudos da masculinidade; Estudos de personagem; Estudos culturais

ABSTRACT

One of the aspects Clarice Lispector's critics most frequently raise has been the representation of femininity and of the female gender. For this reason, female characters have been the object of various studies. In this article, I propose an approach which, as far as I know, has not been taken before: I seek to study the male characters in some of her novels and short stories, by focusing on some recurring features. My theoretical orientation points to a particular subdivision of *gender studies*: 'masculinity studies', an interdisciplinary area which endeavors to view man as an individual defined in part by gender codes (a *gendered* being) and not a neutral being or a symbol and representative of all humanity. I believe that this kind of approach could shed light on less visible aspects not only of the psychology of the female characters, but on the relationships between men and women, so important a theme in Lispector's literary work.

KEYWORDS: Clarice Lispector; Gender studies; Masculinity studies; Character studies; Cultural studies

* Texas Tech University – TTU – Lubbock – Texas – EUA – antonio.ladeira@ttu.edu

Nos anos 1970, a escritora francesa Hélène Cixous, tendo de alguma forma identificado na obra de Clarice Lispector a ilustração das suas próprias teorias sobre ‘escrita feminina’ (*écriture féminine*), inaugurou uma tendência da crítica, muito comum hoje em dia, que procura na obra da autora brasileira a representação de certa feminilidade ou identidade feminina. Atualmente, a maioria desses trabalhos aplica as perspectivas dos ‘estudos de gênero’ e procura identificar na obra da autora de *A cidade sitiada* (1998) modelos sociais/sexuais ditos ‘femininos’ em que se denunciam como opressivos alguns códigos sociais patriarcais impostos às mulheres.

Ou seja, parece procurar-se na obra de Lispector uma denúncia do sistema *falocêntrico* e, em alguns casos, conduzindo (ou interpretando) essas denúncias como manifestações de certa ‘ideologia feminista’; filiação que Clarice Lispector, aliás, sempre rejeitou. Essa família muito ramificada de estudos (com muita voga internacional, sobretudo no mundo anglo-saxônico) tem tido resultados válidos, na minha opinião, embora continue sendo controversa. Ainda sobre Hélène Cixous, disse a acadêmica brasileira Bernardete Grob-Lima que as “[...] afirmações da crítica feminista não se afinam com as nossas conclusões [...]” (2009, p. 51), uma vez que “[...] não vemos na obra de Lispector uma luta contra a lógica falocêntrica.” (2009, p. 51). Clarice Lispector, segundo a acadêmica, concentrar-se-ia no problema da condição da mulher “sem recorrer às características do discurso feminista.” (2009, p. 51). Quase no final da obra referida, ainda sobre a influência de Cixous, afirma-se:

Os adeptos da corrente feminista omitem em seus estudos as personagens masculinas em todo o seu *esplendor*. Não se fala do desempenho de Martim (*A Maçã no Escuro*), Dr. Lucas, Perseu, Mateus (*A Cidade Sitiada*), Ulisses (*Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*), Daniel (*O lustre*). (GROB-LIMA, 2009, p. 246; grifo nosso).

O trabalho que aqui apresento pretende empreender, justamente, aquela tarefa que Grob-Lima parece sugerir ser urgente: a análise e interrogação desse ‘esplendor’ das personagens masculinas, deficientemente estudadas pela crítica. Por que razão não terão os personagens masculinos interessado suficientemente a crítica? (E refiro-me, sobretudo, aos personagens considerados secundários ou menos importantes; Martim, como protagonista de *A maçã no escuro* (1998c), pode ser visto como uma exceção a essa tendência geral). Neste trabalho pretendo ainda analisar os momentos de diálogo (tanto implícito, como explícito, geralmente de natureza romântica) entre os

personagens masculinos e os femininos, o que servirá para caracterizar tanto uns como outros e, sobretudo – como espero – lançar luz sobre a dinâmica das suas relações.

Desde há alguns anos tenho aplicado a autores portugueses e brasileiros perspectivas proveniente dos ‘estudos da masculinidade’ e esse projeto levou-me a acreditar na necessidade de preencher uma lacuna que, geralmente, apenas de maneira muito indireta é apontada. Uma lacuna que, apesar de tudo, surge como menos gritante no Brasil, onde os estudos sobre a masculinidade (aplicados à literatura, mas também a outras áreas da cultura) têm tido bastante expressão recente, graças, entre outros, ao labor de académicos como Mário César Lugarinho. É minha opinião que um estudo desse tipo poderá complementar – e talvez enriquecer ou modificar de forma interessante – a imagem que temos da obra de Clarice Lispector. No presente trabalho, embora faça referências ocasionais ao restante da obra, concentro-me em alguns personagens masculinos (e na questão geral da masculinidade ou da mundivisão masculina) nas seguintes obras: *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1998b) (Ulisses e Lori), *Uma maçã no escuro* (1998c) (Martim, Vitória, Ermelinda), *A cidade sitiada* (1998a) (Felipe, Lucrécia, Perseu, Dr. Lucas, Mateus); e nos contos, ‘Desastres de Sofia’ (2016) e ‘Mensagem’ (2016).

Antes de avançar, tenho algumas palavras sobre a orientação teórica/crítica que aqui proponho. Ao contrário do que se poderá pensar, esse ângulo de análise ‘masculinista’ – se se quiser – não procura reagir de forma antagonista às perspectivas dominantes nos ‘estudos do gênero’, que são as da feminilidade e da sua resistência (em estado de diálogo, por vezes) face a um sistema patriarcal opressivo. A questão é diferente, mais complexa do que poderia parecer, e transcende o que pareceria a mera simetria de uma resposta masculinista à perspectiva feminista. Os estudos da masculinidade – que se inserem nos ‘estudos do gênero’ (embora nem sempre sejam assim identificados) – nasceram sobretudo nos países anglo-saxónicos (iniciando-se com os *queer studies*) durante a década de 80 do século passado. Estes procuram estudar a dimensão masculina que complementaria – de forma pro-feminista – os estudos sobre o ‘feminino’. A premissa que subjaz a essa área de estudos é que os dois gêneros clássicos (homem e mulher) devem poder aspirar a ser ‘iguais’ em sociedade, um relativamente ao outro, e ambos perante a lei. ‘Igualdade de gênero’ será, pois, uma máxima importante sob cuja égide se desenvolvem os ‘estudos da masculinidade’. Estudos que estão longe de constituir uma forma reativa, agressiva, de resgatar, repito,

um espaço que os estudos sobre a feminilidade (ou o feminismo) estariam indevidamente ocupando¹.

À primeira vista, trata-se de uma ideia simples, mas a ‘igualdade de gênero’ é uma proposta muito menos compreendida do que poderia parecer, e o público em geral está muito menos preparado para conceber as suas ramificações (mesmo as modestas, mesmo as de alcance meramente doméstico) do que se esperaria. Em primeiro lugar, propõe-se que – embora haja uma base biológica, de estabilidade variável e discutível – tanto as expectativas relativas ao que significa ser ‘homem’ como as relativas ao que significa ser ‘mulher’ (nos comportamentos sancionados pela sociedade, ou seja, nos seus códigos) muda de acordo com as épocas, os países, as culturas, a classe social, a raça etc. A outra premissa é que tanto o homem como a mulher – segundo o sociólogo americano Michael Kimmel (1996), leitor do sociólogo francês Pierre Bourdieu – se encontram numa relação de conflito com a sociedade patriarcal.

Michael Kimmel afirma que constituir-se homem é procurar alcançar uma fasquia que é – fundamentalmente – inalcançável e, logo, muito poucos são os *verdadeiros* homens de sucesso, sendo em pouco número os que alcançam aquela meta socialmente sancionada (KIMMEL, 1996, p. 129). Esses vencedores – seres, de certa forma, incertos e míticos – são considerados os homens de ‘mascunidade hegemônica’: ou seja, nas sociedades ditas desenvolvidas do mundo ocidental, eles serão brancos (categoria que no Brasil necessitaria de ser ligeiramente ajustada, parece-me), heterossexuais, de classe média ou superior, cristãos, exercendo uma profissão bem remunerada, bons provedores para as suas famílias etc. Todos os outros – que são a larga maioria (mesmo nos Estados Unidos ou no Reino Unido) – ficam aquém dessa marca e sofrem, por essa razão, da ansiedade correspondente à sua inadequação a um modelo tido como exemplar e desejável.

De acordo com essa proposta de Michael Kimmel, o masculino deixaria de ser sinónimo de ‘humano universal’ ou ‘humano genérico’, deixaria de significar a ‘humanidade inteira’, e passaria a ser analisado de uma forma *gendered*, como se diz em inglês, ou seja, de acordo com o que é específico ao seu sexo, de acordo com as expectativas sociais que são específicas ao gênero masculino em determinada época, cultura e situação social – convidando, justamente, num futuro próximo, o mesmo olhar

¹ Segue-se uma lista de alguns autores que, embora filiados em áreas académicas diferentes, produziram estudos que incidiram sobre a masculinidade: Michael Kimmel, R.C. Connell, Miguel Vale de Almeida, Peter Murphy, José Carlos Barcellos, George Mosse.

reviscionista que o feminismo tem aplicado às Ciências Sociais, à Arte, à História, à literatura etc. Silviano Santiago disse o seguinte sobre essa nova maneira por parte do homem de ver e ser visto: “O Homem, cujos valores se confundiam com os valores universais, é hoje recolocado em outra condição, a de representante de uma minoria. Em outras palavras, que representa hoje, após o feminismo, a antiga e universalizante noção de homem?” (1995, p. 10).

Essas noções já nos podem ajudar a redefinir, preliminarmente, o nosso olhar sobre o papel do homem na sociedade, e, por consequência, a repensar o papel dos personagens masculinos na obra de Clarice Lispector. Estes retratam (questionando) não só o homem na sociedade e época na qual os livros foram escritos (anos 40 a 70 do Brasil do século passado), mas também o homem da contemporaneidade, bastando serem feitas as extrapolações necessárias. Para dar um exemplo, se Martim, em *A maçã no escuro*, não for sobretudo visto como um homem perseguido pelo seu sentimento de culpa, que expia um pecado indesculpável e se, em vez disso, for também entendido como um ser que sofre o mandato masculino (pressão dos pares) de se sentir na obrigação de assassinar a mulher adúltera sob pena da rejeição e humilhação daqueles que o rodeiam, vêmo-lo como um ser tão acossado pelo seu próprio ‘gênero’ como pela culpa de um crime que, afinal, não aconteceu. (Todos recordamos de que no fim do romance se descobre que a mulher de Martim, afinal, sobreviveu à tentativa de homicídio). Martim é um ser muito mais próximo daquilo que o narrador de *A maçã no escuro*, aliás, ecoando os evangelhos, diz perto do final, referindo-se aos homens e às mulheres, “Perdoai-lhes, senhor, que não sabem o que fazem”; “Somos mais estúpidos do que culpados.” (LISPECTOR, 2009, p. 334).

Se em vez de vermos Martim como um personagem que se submete a Vitória, depois de perder e recuperar a linguagem, e passarmos a vê-lo – também – como o homem que foge do ‘sofrimento de gênero’ que o acossa – tal como este se apresentava na cidade, na pessoa dos outros homens, que, mesmo sem nada dizerem, ‘mandam’ matar em nome da honra (a qual deve ser lavada com sangue, mesmo no século XX) passamos a vê-lo de forma diferente. E vêmo-lo mais como um inocente-culpado, ou um culpado-inocente, de uma forma que poderia ser interpretada, em parte, como dostoiévskiana, tal como defendeu Antonio Ladeira num artigo sobre o romance a que me refiro (2009, p. 689-706).

Basta esse ajuste de lentes, essa ligeira correção de ângulo para que vejamos, não só Martim, mas outros personagens de forma diferente e nova, obrigando-nos a

revisitar também a dinâmica da relação homem-mulher que surge, com muita frequência, nas obras e contos mencionados.

O que procurarei sugerir é que se Clarice Lispector parece fascinada em apresentar o ‘sofrimento’ relativo ao gênero feminino e às contradições inerentes a ser-se mulher no Brasil da época (contradições entre, em parte, o que será a sua ‘natureza’ e o que serão os códigos sociais opressivos), algo comparável pode ser dito do homem, do ‘sofrimento’ desse como homem, ou, melhor, do sofrimento interligado de ambos.

Na minha opinião – seja qual for a razão ou a maneira como o interpretemos –, é indisputável que Clarice Lispector trata na sua obra da diferença entre os gêneros de uma forma central, e até obsessiva; é um dos grandes tropos, aliás, que a torna imediatamente reconhecível, tanto nos contos, como nos romances, como nos temas de muitas das crônicas e outros escritos.

Vários críticos – entre os quais Olga de Sá e Vilma Areas – têm apontado a importância dos quadros em que, em muitas das obras, um casal dialoga, embora o diálogo possa ter muito de não dito, de subentendido, de não articulado, de não expresso, de contraditório, de conflitivo etc. São quadros em que reside uma dinâmica que é objecto do fascínio do narrador: o casal em diálogo explícito ou implícito. Diálogo que pode assumir a forma do jogo de olhares, ou de uma conversa imaginada, apenas decorrente em pensamento, ou parcialmente em pensamento, quando, por exemplo, um personagem fala e o outro, ficando em silêncio, responde para dentro de si mesmo, ou vice-versa. Esse cenário surge tanto numa fase inicial da corte, como namorados ou candidatos a tal, ou até já como marido e mulher, ou ainda – no caso espantoso de *O lustre* (1999) – entre dois irmãos. (Ou até como casal simbólico: no caso do par aluna-professor). Nessas cenas – com enorme importância para a economia de cada um dos livros onde se inserem e para a caracterização das personagens – marca-se, na minha opinião, mais o desencontro do que o encontro, mais o desviar do olhar do que o olhar que significativamente encontra os olhos do outro, mais a incomunicação e a incomunicabilidade do que o seu contrário. Aqui destacaria uma outra coisa: a profícua contradição entre aquilo que é dito e aquilo que é pensado no caso de algumas personagens de Lispector; contradição que nos ajuda a ver, justamente, a outra contradição que lhe está associada: entre a natureza do gênero e a das expectativas sociais. Antes de mais, há o gozo lúdico – por parte da escritora – em revelar aquilo que, apesar de urgente porque preocupante e injusto, já é invisível de tão comum, até corriqueiro e familiar, como é o caso dos desencontros entre os gêneros. Em Lispector,

notamos o gozo em detectar aquelas diferenças que parecerão dado adquirido (ou mesmo mesquinhas, banais, insignificantes) à maioria das pessoas: a existência, pura e simples, da diferença entre um homem e uma mulher, coisa que é, nesse universo, no entanto, sempre motivo de grande fascínio (como no princípio do mundo) apesar de não contribuir necessariamente para a tranquilização ou satisfação, geral ou cotidiana, dos intervenientes. É o caso desta passagem, de *Uma aprendizagem*, que cito: “Ele era um homem, ela era uma mulher, e milagre mais extraordinário do que esse só se comparava à estrela cadente que atravessa quase imaginariamente o céu negro e deixa como rastro o vívido espanto de um Universo vivo. Era um homem e era uma mulher.” (LISPECTOR, 1998b, p. 27).

Em *A maçã no escuro*, também encontramos a atmosfera bíblica de eufórico recomeço que temos em *Uma aprendizagem*, após a queda, após a expulsão (não do paraíso mas da cidade, nesse caso) a que se segue a chegada a uma espécie de Eden invertido que é um sítio no Nordeste (podendo ser Adão – Martim; e Eva – Vitória). Em *A cidade sitiada*, lemos: “Se Lucrecia Neves não era sensual, a diferença de sexos causava-lhe certa alegria.” (LISPECTOR, 1998a, p. 24).

O sofrimento do homem, de sentir como fardo o papel social masculino, é algo que podemos encontrar talvez nas entrelinhas do texto, se o interrogarmos adequadamente e não necessariamente esperando que Clarice Lispector ou o narrador o esclareça para nosso benefício, de forma satisfatória. Ou seja, da mesma forma que suspeito ser duvidoso que Clarice Lispector (se hoje lhe pudéssemos perguntar tal coisa) afirmasse ter tido a intenção – e a consciência – de denunciar esse *sofrimento de gênero* masculino, parece-me perfeitamente legítimo – como crítico – procurar ou encontrar no texto, independentemente da intenção do autor, essa mesma ‘denúncia’. Trata-se de um caso clássico de rejeitar a ‘falácia da intenção’ e respeitar a dinâmica que os textos – na sua relação com a língua viva, o mistério da linguagem, o público leitor e a evolução dos fenômenos da recepção e dos seus estudos – estabelecem com a posteridade mesmo após a morte dos seus autores. Nesse sentido, entendem-se as manipulações retóricas e autoritarismos de Ulisses sobre Lori, ‘o par Edênico por excelência’, como lhe chamou Haroldo de Campos e confirmou Olga de Sá: “A Lori e Ulisses serão um só, como um casal edênico, antes de nenhuma queda.” (1993, p. 264). Nesses intermináveis diálogos, Ulisses parece praticar violência verbal sobre Lori, mas eles constituem também violências que Ulisses não deixa de exercer sobre si mesmo, se acreditarmos que ama Lori, e que parte do adestramento que lhe inflinge corresponde à

imposição de um programa patriarcal, quase escolar (hoje classificariamos como ‘infantilizante’) que faz dele a figura arrogante e pedante que causou perplexidade a alguns críticos. Ou seja, se – ao que parece – a sua motivação é preparar uma relação futura, harmoniosa, com Lori, tal como parece revelar-se no final, os desafios que ele coloca a esta, também são dificuldades que ela coloca a ele, embora não pensemos muito, habitualmente, nessa possibilidade. Se pudéssemos seguir o pensamento de Ulisses com o detalhe e o favor com que seguimos o pensamento de Lori (ou seja, se existisse uma versão alternativa de *Uma aprendizagem* que apresentasse maioritariamente a perspectiva de Ulisses e não a de Lori), certamente as dificuldades dele se tornariam mais claras. Se não é fácil ser assaltado por inseguranças e dúvidas – como Lori – pelo menos tão difícil (darei eu, como homem, ensinado a ser forte, a não mostrar vulnerabilidades) será talvez *não* ter inseguranças, e *ter* apenas certezas. E, sobretudo, as certezas que Lori – de modo irônico, certamente – espera que Ulisses tenha, magicamente, apenas por ter nascido homem, suspeitando, naturalmente (sendo, tanto Clarice como Lori, observadoras brilhantes da condição humana e dos códigos de gênero) que ele não as terá verdadeiramente. Lori diz, aliás, nos seus pensamentos, que Ulisses é tão *helpless* (ou seja, vulnerável) como ela, Lori: “Para manter a minha força, que é tão grande e *helpless* como a de qualquer homem que tenha respeito pela força humana, para mantê-la não tenho o menor pudor, ao contrário de você.” (LISPECTOR, 1998b, p. 94).

Imediatamente a seguir, no livro, vemos uma cena reconhecível, que contrasta vivamente – e comicamente – com esse pensamento de Lori. Na seguinte passagem, como dizia, Lori surge infantilizada, uma infantilizada voluntária (e cínica, pois o leitor já a sabe muito mais lúcida do que aparenta) e desprovida de poder, em contraste com a autoridade grotesca de um Ulisses que decide o que Lori deve beber e que se responsabiliza por ela a ponto de determinar quais são os limites seguros do álcool:

Ficaram em silêncio.

– Em vez de guaraná, posso tomar um uísque? Perguntou ela.

– Claro, disse ao mesmo tempo em que fazia sinal para o garçom. Você está tentando com o uísque intensificar esse momento?

– Sim, respondeu surpreendida com a explicação dele. Ela não sabia beber: bebia muito depressa como se fosse um refresco. Em breve, um pouco encabulada, pedia outra dose.

Ulisses sorriu, enquanto chamava o garçom:

– Beba mais devagar senão vai depressa lhe subir à cabeça. E mesmo porque beber não é embebedar-se, é outra coisa. Mas meu lado de relíquia de ancestrais faz com que eu fique contente de ver uma mulher que não bebe.

O garçom aproximou-se, serviu-a pondo mais gelo.

– E seus ancestrais, Lóri? (LISPECTOR, 1998b, p. 94).

Sobre *A cidade sitiada*, Olga de Sá afirma que, nesse livro “Clarice exprime talvez, mais do que em outros, sua complexa visão das conflitivas relações homem/mulher. Doce e cruel, feminina e animal, paciente e voluptuosa, reunindo amor e morte, ‘freira e assassina’. Lucrécia cobre-se de culpa e perdão.” (2004, p. 172).

Também em *A cidade sitiada* vemos como Perseu – um dos três homens com quem Lucrécia, ostensivamente, ‘passeia’ em S. Geraldo – é objeto do olhar irônico da narradora que o apresenta de forma aflitiva, também grotesca (também denunciado na sua estultícia, ingenuidade e infantilidade, como em muitas partes do macrotexto de Lispector), com um autoritarismo e uma arrogância semelhantes a outras figuras que são professorais ou representam professores. Ou seja, trata-se do homem que – perdido nas regras do cortejar à antiga, do namoro – procura exhibir os seus conhecimentos para, num sentido antropológico, se mostrar digno de desposar a mulher que está cortejando. Nessa instância, a narradora é implacável, quando Perseu (de forma penosa para o leitor) repete as frases escolares, que ele usa nitidamente para impressionar Lucrécia, ostentando conhecimentos acadêmicos absolutamente inúteis e desprezados pela interlocutora, sobre, nesse caso, ‘seres marinhos pelágicos’. Conhecimentos que provêm de um livro que lê no momento e do qual fala a Lucrécia. Tal como no caso de Olímpico, em *A hora da estrela* (ou mesmo o caso da visita do Professor à Fazenda de Vitória, em *A maçã no escuro*), as falas revestem-se de sarcasmo, de troça, de irrisão, pura e dura, dessa vez (talvez com a piedade com que Lispector por vezes premeia o sexo forte) dirigidas ao homem: ““Os seres marinhos, quando não tocam o fundo do mar, se adaptam a uma vida flutuante ou pelágica’, estudou Perseu na tarde de 15 de maio de 192...” (LISPECTOR, 1998a, p. 30).

Continua Perseu: ““Os animais pelágicos se reproduzem com profusão’, disse com oca luminosidade. Cego e glorioso – era isso apenas o que se podia saber dele vendo-o à janela de um segundo andar.” (LISPECTOR, 1998a, p. 30).

E ainda:

‘Os animais’, disse ele. A mulher retomou a cesta. ‘Se reproduzem com extraordinária profusão’, disse Perseu. *Decorar era bonito. Enquanto se decorava não se refletia*, o vasto pensamento era o corpo existindo – sua concretização era luminosa: ele estava imóvel diante de uma janela. “Se alimentam de microvegetais fundamentais, de inusórios [...]” (LISPECTOR, 1998a, p. 31; grifo nosso).

Interessante é também o seguinte comentário contrastando a inteligência dos homens e das mulheres, aproveitando para inserir – de forma ilustrativa do que acabou de ser dito – mais um exemplo de mais fatos inúteis e entediantes, decorados por Perseu: “Havia mesmo algumas anedotas sobre a lentidão de inteligência dos homens de S. Geraldo, enquanto as mulheres eram tão espirituosas! ‘Se reproduzem com extraordinária profusão!’ disse o rapaz de repente fustigado.” (LISPECTOR, 1998a, p. 32).

Também assistimos, pois, ao sofrimento na relação romântica, que, no caso de Sofia, no conto ‘Os desastres de Sofia’, principia quando esta ainda é criança; nesse caso, o sofrimento da assimetria na relação homem-mulher, da realização de que o homem é, pelo menos oficialmente, o ser superior na hierarquia; ou seja, como ela aqui diz, de forma fulminante, irônica e sarcástica – ‘o rei da criação’. Trata-se da violência de colocar alguém numa posição de superioridade impossível, de responsabilidade que está acima das suas forças, sabendo – como a protagonista vem a verificar mais tarde – que o professor, afinal, se deixou vencer por ser extremamente frágil. Este deixou-se fascinar, afinal, pela redação da ‘porcaria de uma criança’. Invertem-se, assim, os papéis, revelando o professor e a sua ignorância, revelando-se a criança cheia de lições e dominante como um adulto. O professor passa a ser o aluno, e a menina frágil a ser o *homem* do par. O homem – que deveria ser forte mas que se revela frágil – apresenta-se como uma ‘menina’ confundida, em histérico júbilo pelo talento que reconhece na aluna, professor agradecido pela orientação recebida, o que causa enorme angústia (sofrimento de gênero) a Sofia: “[...] havia meninos que eu escolhera e que não me haviam escolhido, eu perdia horas de *sofrimento* porque eles eram inatingíveis, e mais outras horas de *sofrimento* aceitando-os com ternura, pois o homem era o meu rei da Criação.” (LISPECTOR, 2016, p. 218; grifos nossos).

Sobre o papel autoritário que o homem por vezes assume em Clarice Lispector (nomeadamente em *Uma aprendizagem*), a figura do ‘professor’, como sugeri há pouco, representa um dos arquétipos que, no imaginário geral da obra, não pode ser ignorado.

Lucia Helena Vianna, de uma maneira muito perceptiva, associa as figuras de ‘professor’ – ou de homens que, em conversas com mulheres, aplicam tom professoral ou pedante – com uma figura paterna estilizada, objeto da desilusão de uma filha também simbólica ou arquetípica:

A história da relação paterna em Clarice, desde *Perto do Coração Selvagem* (1943) é a história de uma decepção. Em vez de ‘rei da criação’, idealizado pela desastrada Sofia do conto de *A Legião Estrangeira* (1964), o pai aparece quase sempre como frágil, desprotegido (como também aparece para Joana) ou falido (para Lori), obrigado por isso mesmo a reinvestir-se, no imaginário das personagens, da figura do professor, o mestre, cuja instância suprema reverte para Deus, que ela nega e ao mesmo tempo deseja. Encontra-se em jogo a própria decepção com uma ordem masculina cuja ostensiva aparência de poder esconde as inseguranças e fragilidades de sua sustentação mais profunda. (VIANNA, 1999, p. 164).

No próximo excerto, do conto ‘A Mensagem’, assistimos ao momento em que – numa das suas famosas epifanias, ou anti-epifanias – a relação harmoniosa dos dois adolescentes impúberes atinge um ponto de resolução/destruição. Ambos desejam secretamente ser escritores, antes de crescerem e se encontrarem em plena luta com os códigos sociais que os perturbam (e encham o rapaz, sobretudo, de um orgulho ridículo e ridicularizado e, por essa razão, denunciado). É o momento em que no rapaz desabrocha a sua masculinidade adulta, o momento em que a sua maturação se concretiza de forma simbólica. Todo esse crescimento silencioso, e súbito, sucede de noite, em frente de uma enorme casa assustadora, opressiva, por onde, subitamente, sopra um vento inexplicável e que de repente surge, aos olhos de ambos, envelhecida e ameaçadora, como uma casa assombrada. A ironia, e a fatuidade desse momento – acentuada pelo cigarro que ele leva à boca, fumado de modo artificial, automatizado e atrapalhado – segue os códigos dos rituais de passagem para a idade adulta dos homens ocidentais. E não esqueçamos que essa violência que ele nota surgir de si mesmo (como algo que também o assusta, por ser inesperado, por ser súbito, por não ser familiar) é também a violência que a sua amiga vê erguer-se como um muro entre os dois, com a mesma estranheza. Ou seja, a crueldade da masculinidade é percebida por ambos e a ambos assusta:

O rapaz olhou-a, espantado de ter sido ludibriado pela moça tanto tempo, e quase sorriu, quase sacudiu as asas que acabavam de crescer. Sou homem, disse-lhe o sexo em obscura vitória. Dessa luta ou repouso, ele saía mais homem, ser homem se alimentava mesmo daquele vento que agora arrastava poeira pelas ruas do Cemitério São João Batista. (LISPECTOR, 2016, p. 242).

Em artigo recente, Simone Ruffinoni, fazendo uma leitura parecida do mesmo conto, e sugerindo que ele pode ser lido como uma fábula da passagem à idade adulta, dizia o seguinte sobre o personagem masculino:

Como se a fábula da aquisição da vida adulta implicasse necessariamente perda e desconsolo – o narrador revela-se mais impiedoso com o rapaz, em quem o desconcerto se resolve na constatação da força, cujas marcas do patriarcalismo não escondem certa puerilidade insana estampada no ridículo ‘Mamãe’, balbuciado no final. (2016, p. 7).

Mais do que ‘puerilidade insana’, eu diria que o pedido de ajuda desesperado do rapaz ao gritar ‘Mamãe’, no final, representa de forma aguda – e lúcida (sendo talvez esse um dos momentos em que o texto ‘sabe mais’ do que o seu criador) o drama ou a tragédia da assunção do ‘gênero’. Trata-se do doloroso nascimento da masculinidade num rapaz, como num ritual de passagem em que não se admite qualquer resultado senão a vitória. Ritual que condena à inexistência social aqueles que não emergem bem-sucedidos, o que explica as falsas demonstrações de sucesso por parte dos falhados, o que explica, afinal, o lado negro das ‘performances’ (no dizer de Judith Butler) da masculinidade hegemônica. (O lado negro da performance da mulher também existe, naturalmente – lembremo-nos da moça que se vê a si mesma, ainda em ‘Mensagem’, como uma ‘macaca de saias’, embora eu aqui procure enfatizar o lado masculino, o menos explorado).

Ao mesmo tempo, noutro momento, em *A maçã no escuro*, notamos precisamente o oposto, mas de um modo que confirma o que acabei de dizer: não o ridículo e a vulnerabilidade da assunção do poder masculino, mas o alívio que o homem sente ao se saber e reconhecer frágil. O fracasso, nesse caso, é protetor.

A situação excepcional do homem agora fraco e feminil (mas progressivamente menos descofortável) em que se torna Martim, experimenta, a meu ver, a desvirilização como uma libertação:

Entre Martim e Vitória estabelecera-se uma muda relação já mecanizada e em pleno funcionamento: constituída da coincidência da mulher querer mandar e dele aquiescer em obedecer. Com avidez, a mulher era dona. E alguma coisa nela se intensificara: a feliz severidade com que ela agora pisava sobre o que era seu, disfarçando a glória da posse com um olhar desafiador para as nuvens que passavam. (LISPECTOR, 1998c, p. 94).

Diz Lucia Helena que

Os personagens de Lispector [...] estão sempre tensamente submetidos à tradição patriarcal em sua dinâmica de obediência a valores que, se aparentemente se mostram mais vantajosos para os homens, acabam por aprisionar e reprimir todos, não importando o sexo, a classe, a etnia ou a idade. (1992, p. 1167)

Agrada-me a ideia da sugestão de uma possível simetria, da equivalência entre homem e mulher (encontrando-se nessa obra uma constante validação de equivalências de contrários) ou entre sofrimentos de um gênero e de outro. (Essa ideia, ou fantasia de Lispector, não invalida, naturalmente, que o sistema patriarcal tenha desproporcionalmente e historicamente dado vantagem ao homem; quero deixar claro que não se pode ou deve esquecer tal fato). Já Bernardete Grob-Lima tinha dito: “Não há vítima nem algoz nas relações entre homens e mulheres nas obras de Clarice, mas uma circunstância gerada pelos condicionamentos sociais e mantida pela falta de conhecimento sobre as possibilidades de eles vivenciarem sua autonomia.” (2009, p. 77).

Essa ideia confirma-se no momento em que Martim, circunstancialmente liberto dos condicionalismos e contradições da masculinidade, ao escolher a ‘femininização’ sob o domínio de Vitória, experimenta um alívio que assim expressa:

Agora que criara com suas próprias mãos a oportunidade *de não ser mais vítima nem algoz*, de estar fora do mundo e não precisar mais perturbar-se com a piedade nem com o amor, de não precisar mais castigar nem castigar-se – inesperadamente nascia o amor pelo mundo [...]. Porque também uma outra coisa acontecera [...] ele estava contente. Martim estava *contente*. (LISPECTOR 1998c, 145; grifo nosso).

Do ponto de vista sociológico e antropológico (referindo-me aos ritos de iniciação em sociedades antigas e modernas, como já sugeri) pode dizer-se que, simbolicamente, de uma rapariga espera-se que “[...] tenha nascido com as funções internas necessárias para se tornar biologicamente uma mulher crescida, e que o faça de forma natural. Nenhuma intervenção é necessária. No caso dos rapazes, em contraste, necessita-se *intervenção* para haver desenvolvimento.” (CONWAY-LONG, 1994, p. 68; grifo nosso). A masculinidade, em contraste com a feminilidade, tem sido recentemente interpretada, como referi no início deste trabalho, como uma série de provas que nunca se completam².

Numa das suas obras mais celebradas, *Masculine domination* (2001), Pierre Bourdieu diz que os homens precisam fazer alguma coisa para se tornarem ‘masculinos’, as mulheres, no entanto, encarnam naturalmente as suas próprias feminilidades. Pierre Bourdieu acrescenta que a masculinidade é, primariamente, um dever, cujo cumprimento está constantemente sob escrutínio, sendo encorajado pelos grupos de homens nos quais cada indivíduo se insere.

Quando, por exemplo, em algumas interações ‘homossociais’ – no sentido que Eve Kosovsky Sedgwick dá ao termo em *Between Men* (1985) – atos de violência são apresentados como obrigações de masculinidade (mesmo que de modo não oficial) é compreensível (não necessariamente justificável moralmente) que alguns homens percebam as suas próprias masculinidades violentas como um papel que lhes confere, ao mesmo tempo, uma limitação e uma validação. Assim, até mesmo homens que cegamente seguem o mandato ‘homossocial’ para executar vingança contra as suas mulheres adúlteras – como Martim – interiormente podem revoltar-se contra a obrigação que não se atrevem a questionar publicamente. Isso explica o alívio de Martim, ao chegar à fazenda: essa pressão social dos outros homens (que ficaram na cidade) tinha sido retirada dos seus ombros e Vitória, em vez dele, tinha assumido o papel masculino de decidir o destino a dar à fazenda e, sobretudo, o destino a dar a ele, Martim, ao decidir denunciá-lo às forças policiais que o procuravam.

Gostaria de terminar propondo o sofrimento de gênero – tal como Clarice Lispector o apresenta – como uma das bases sociais que estão na origem da nossa formação identitária, tanto como homens e como mulheres. Ou seja: entendendo a

² Naturalmente, hoje, deveríamos poder rever um pouco esses modelos – ou seja: a mulher que aspira a ter uma carreira absorvente também passará por provas –, mas falamos aqui sobre a masculinidade e feminilidade ‘tradicionais’, mais próximas, portanto, daquelas que se apresentariam como modelos para a classe média brasileira no tempo de Clarice Lispector.

violência da obrigação de cumprir o papel de gênero – de homem ou mulher – como uma parte importante do que faz de nós humanos, ou seres sociais.

Por outro lado, os próprios pensamentos de Lori, em *Uma aprendizagem*, no momento seguinte, revelam a origem do sofrimento masculino, o fardo que se atribui ao homem como ser ‘superior’ e ‘infalível’. Lori terá a ingenuidade (falsa?) de achar que conceder a alguém a ‘superioridade permanente’ – ou a expectativa da superioridade permanente – é uma vitória e não um presente envenenado. (Lori tem também a ingenuidade de pensar que privar os homens de usar perfume, por exemplo – como se verá na citação a seguir – não é exercer sobre eles algum tipo de limitação, não é obrigá-los a vestir um estereótipo). Na minha opinião, o texto – independentemente da ingenuidade de alguns personagens, das intenções da narradora ou da própria autora – nunca é, de forma alguma, ingênuo, e contém em si mesmo mais possibilidades interpretativas do que as personagens, narradores ou mesmo autora possam ter desejado:

[...] ela que reconhecia com gratidão a superioridade geral dos homens que tinham cheiro de homens e não de perfume, e reconhecia com irritação que na verdade esses pensamentos que ela chamava de agudos ou sensatos já eram resultado de sua convivência mais estreita com Ulisses. (LISPECTOR, 1998b, p. 20).

Lori faz-se, a si mesma, uma pergunta bastante eloquente. Justamente, ao sentir, no final do livro, uma quase euforia que acompanha a perspectiva de estar prestes a ter relações sexuais com Ulisses e, assim, realizar a maturidade da relação que construiu com ele. O que não deixa de ser fascinante é que esse amadurecimento – apesar de jubiloso – nunca deixa de conter sofrimento. A verdade dessa relação nunca perde a sua opacidade. E a contradição (de ser homem, mulher; de *ser*, enfim) nunca deixa de intrigar e fascinar Lori e as outras personagens. O que há depois de se ser feliz? Ser feliz é para quê?, pergunta uma aluna à professora, num outro texto e contexto. O que vem depois do sofrimento? Sofrer é para quê? Ser é uma dor? “E mesmo o fato de seus ‘sofrimentos’ serem agora mais espaçados, o que devia a Ulisses – ‘sofrimentos’? ‘*Ser era uma dor*’? E só quando ser não fosse mais uma dor é que Ulisses a consideraria pronta para dormir com ele?” (LISPECTOR, 1998b, p. 21; grifo nosso).

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Masculine domination**. Stanford: Stanford UP, 2001.

CONWAY-LONG, D. **Ethnographies and Masculinities**. Theorizing Masculinities. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994, p. 61-81.

GROB-LIMA, B. **O percurso das personagens de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro. Garamond Universitária, 2009.

HELENA, L. A Problematização da narrativa em Clarice Lispector. (1992: 1167). **Hispania**, v. 75, n. 5, dez. 1992, p. 1164-1173.

KIMMEL, M. **Manhood in America: A cultural History**. Oxford: Oxford UP, 1996.

LADEIRA, A. Patriarcal violence and Brazilian masculinities in Clarice Lispector's *A maçã no escuro*. **Bulletin of Hispanic Studies**, Liverpool, v. 86, issue 5, sep. 2009, p. 689-706

LISPECTOR, C. **A cidade sitiada**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

LISPECTOR, C. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco. 1998b.

LISPECTOR, C. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c.

LISPECTOR, C. A Mensagem. *In*: LISPECTOR, C. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LISPECTOR, C. Desastres de Sofia. *In*: LISPECTOR, C. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

RUFINONI, S. R. O artista perfeito: Clarice Lispector e a poética da inocência. **Remate de Males**, Campinas, jul./dez. 2016, p. 357-379. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8647907/14933>. Acesso em: 7 out. 2019.

SÁ, O. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1993.

SÁ, O. **A travessia do oposto**. São Paulo: Annablume, 2004.

SANTIAGO, S. Arte masculina. *In*: NOLASCO, S. (Org.) **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SEDGWICK, E. K. **Between men**: English literature and male homosocial desire. New York: Columbia UP, 1985.

VIANNA, L. H. **Cenas de amor e morte na ficção brasileira**. O jogo dramático da relação homem/mulher na literatura. Niterói: Eduff. 1999.

Data de submissão: 16/08/2019

Data de aprovação: 22/08/2019